



AS POSSIBILIDADES ENTRE LITERATURA E GEOGRAFIA

MORAES, Maristela Maria de¹

CALLAI, Helena Copetti²

Resumo

Este texto apresenta reflexões sobre a possibilidade de promover um estudo interdisciplinar entre a Geografia e a Literatura. Assim, num primeiro momento discutimos qual o papel da Geografia frente ao ensino dando ênfase ao espaço, seu objeto de estudo. Para isso, nos apoiamos em Santos (2002), Massey (2008) e Callai (2009). Também refletimos sobre o que é Literatura, a importância de trabalhá-la em sala de aula, bem como a sua contribuição na construção do conhecimento, uma vez que partimos da ideia de que a Literatura pode ser considerada como um dos meios que possibilita compreender a realidade. Como suporte dialogamos com D'onofrio (1990), Candido (1967), Llosa (2004) entre outros. Por fim, discutimos baseados em alguns autores que se interessam pelo tema, em como é possível fazer um trabalho em conjunto em que imaginário e espaço sejam trabalhados como aliados enriquecendo ambas as disciplinas e permitindo alcançar os objetivos de aprendizagens que exige a educação básica.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Conhecimento; Ensino

¹ Professora da Rede Estadual. Mestre em Educação nas Ciências - UNIJUI. Graduada em Letras/Literatura - UNIJUI. Bolsista FAPERGS. Endereço Eletrônico: marimmm1@hotmail.com

² Doutora em Geografia pela USP, com Pós-Doutorado pela UAM. Atua no departamento de Ciências Sociais da UNIJUI e no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (como coordenadora e docente) – UNIJUI/RS. Bolsista PQ-CNPq. Endereço eletrônico: helena@unijui.edu.br



Introdução

Este estudo apresenta reflexões sobre ensino em Geografia considerando em sua abordagem cultural o uso da Literatura e vice e versa. Tem-se questionado muito a respeito da aplicação da Geografia Cultural com aportes humanistas e até fenomenológicos na prática da sala de aula. Tendo em vista a importância da Geografia que se aprende no ensino superior e a Geografia que se ensina na escola, busca-se então apoio em várias ferramentas que ora se apresentam para pôr essa Geografia Cultural em prática. Por outro lado temos a Literatura que tem sérias dificuldades para ser trabalhada na escola tendo em vista um distanciamento que os alunos têm com os livros o que prejudica o trabalho em sala de aula. No entanto, essa prática precisa ser reforçada e por isso encontramos na Geografia uma aliada neste processo de buscar outras formas de ensinar, já que acreditamos serem estas favoráveis aos processos de aprendizagens.

O espaço como objeto de estudo da geografia

A Geografia se caracteriza por ser a ciência que tradicionalmente responde a indagação do ONDE. É idéia corrente que à geografia escolar cabe ensinar os "lugares do mundo", e que assim como à História cabe estudar o tempo, para a Geografia é o Espaço que interessa. E, por isso tradicionalmente o espaço é considerado o conceito fundamental na Geografia.

Muito se pode dizer a este respeito e, interessa-nos como pesquisadores de ensino da geografia desvelar o que é esta geografia escolar. Do que ela trata, quais as referências que ela tem e quais os aportes teóricos que lhe dão fundamentação. A história da Geografia como ciência tem uma trajetória marcadamente ligada à questão acima indicada - que é o *onde?*- pergunta que diz da localização dos fenômenos, das pessoas, dos eventos de toda a ordem (econômicos, sociais, culturais, naturais), e dos elementos da natureza, etc.

Ao longo do tempo muitas interpretações foram sendo dadas delineando as formas de entendimento do papel da Geografia como ciência que produz um



conhecimento específico, e do papel da disciplina escolar que se constitui na educação básica.

Atualmente, a interpretação recai sobre o entendimento de que esta disciplina se incumbe de analisar a sociedade e o mundo a partir da dimensão do espaço. Quer dizer, a análise geográfica considera a localização e distribuição dos fenômenos sociais, produzindo certa organização do espaço. Nesta organização do espaço considera-se que o mesmo atua como base física dos fenômenos, mas não como um objeto inerte, senão que, com uma dimensão política de criar as condições para os eventos que naquele lugar acontecem. O espaço é ao mesmo tempo palco e definidor, delimitador, oportunizador de situações e, diante disso é fundamental reconhecer como se concretizam nos espaços os fenômenos produzidos pela sociedade.

Entendendo o espaço como o suporte material da vida humana e, ao mesmo tempo como as possibilidades/condição, incorporamos na análise do mundo em que vivemos, considerando-o “um elemento crucial em nossa ordenação do mundo, posicionando-nos e a outros humanos e não humanos em relação a nós mesmos” (MASSEY, 2008, p.157).

De acordo com Santos, (2002) tradicionalmente aquilo que se convencionou chamar de geografia tem em seu âmago a “preocupação topológica normativa, ou em outras palavras, a ordenação territorial dos fenômenos. Onde? eis a pergunta do discurso geográfico”. (SANTOS, 2002, p.24) As pessoas, quando falam de Geografia, lembram-se de mapas, de viagens, de percursos, roteiros. É o senso comum e o resultado de como é concebida a Geografia na sociedade em geral e, muitas vezes na escola também.

O importante é sabermos qual a concepção de geografia que adotamos e como utilizamos a pergunta e fazemos a busca das respostas sobre o *Onde*. Onde é a pergunta que nos colocamos no dia-a-dia ao nos movimentarmos na nossa casa, na cidade, em viagens, nas idas e vindas do nosso fazer diário. Seja nos movimentos que fazemos, seja nos lugares em que as coisas estão, quer na dimensão relativa como na dimensão absoluta estamos sempre nos referindo ao espaço. Em todos os lugares e nos movimentos entre eles sempre “... nos



envolvemos de incontáveis maneiras, em nossas conceituações implícitas de espaço”

(MASSEY, 2008, p. 157).

Ao descrever um lugar as primeiras características que apontamos são aquelas visíveis que compõe o espaço circunscrito do lugar, e as que representam os limites com as características da fronteira, quer dizer, que mostram a transição de um lugar ao situá-lo no contexto em que se insere fisicamente.

Mas também se pode descrever o lugar considerando o entendimento que se tem a partir dele, incorporando nossas impressões, nossos desejos, nosso imaginário, pois “o que o espaço nos proporciona é a heterogeneidade simultânea, ele retém a possibilidade da surpresa, é a condição social em seu mais amplo sentido e o prazer e o desafio de tudo isso.” (MASSEY, 2008, p.157).

Diante da complexidade em que se apresenta o espaço não há possibilidade de fazer uma simples descrição linear, pois que as subjetividades permitem outras tantas interpretações. Do mesmo modo as pessoas se confrontam com uma espacialidade que não se define apenas pelas horizontalidades dos fenômenos em sua distribuição. Esta trama que demarca os espaços em sua visibilidade é o resultado da trama da vida das pessoas. Portanto, não se pode pensar o espaço simplificando-o em objetos externos à vida dos sujeitos. Estrutura-se, pois o espaço na coexistência dos fenômenos e, na superposição dos tempos que carregam em si as histórias das vidas vividas.

Para além desta realidade em que se pretende fazer leituras objetivas há, portanto, as subjetividades e nestas há que se considerar também o imaginário. É o que dá sentido aos objetos que se dispõem nos lugares, fazendo que não sejam apenas coisas ali existentes, mas que tem significados para além daquilo que aparece. Compreender a paisagem significa ir além do visível, e ver inclusive a história das pessoas que ali vivem.

Se o entendimento é o de que estudar Geografia diz respeito, a saber, *onde* acontecem as coisas, o *onde* nos permite fazer a localização e a distribuição dos fenômenos e, para compreender o espaço temos como instrumentos/ferramentas intelectuais, a observação, a descrição, a comparação, a relação e correlação. E estas nos levam ao estabelecimento de conclusões e sínteses.



Este é o nosso método de analisar e entender a sociedade, pois que, com o olhar espacial pode-se desvendar o que se materializou no espaço.

O modo como se distribuem os fenômenos e a disposição espacial que assumem representam muitas questões, que por não serem visíveis tem que ser descortinadas, analisadas através daquilo que a organização espacial está mostrando (CALLAI, 2009, p. 96).

A forma visível que o espaço apresenta se configura como o retrato da vida que acontece no determinado lugar. São as paisagens que num determinado momento estão a revelar o processo que ali se desencadeia, e, "cada um vê a paisagem a partir de sua visão, de seus interesses, de sua concepção" (CALLAI, 2009, p. 99), do seu entendimento de mundo e de seus posicionamentos políticos, sociais, religiosos.

Novamente interessa perceber e ressaltar que não apenas aquilo que é visível por estar materializado no espaço compõe a paisagem. Há muito mais das nossas histórias vividas que estão também concretizadas no espaço e que permitem feições diferenciadas às paisagens. Para Santos,

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, de movimentos, odores, sons etc. (SANTOS 1988 p. 61).

Significa afirmar que as formas que estão aparentes no espaço são materializadas, mas há todas as histórias que levaram a estas formas assumirem tais feições e a criar tais paisagens. Portanto não é simplesmente observando o visível e descrevendo que se faz a geografia, o que nos remete a reafirmar que:

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições (...) uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que tem idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos... já passados (SANTOS 1988 p. 66).

Não é uma descrição direta e simplista que nos permite entender os fenômenos sociais a partir da análise espacial, pois que se o mundo da vida é



complexo, a complexidade deve ser considerada na interpretação da paisagem, pois que,

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade ou qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. (SANTOS, 1988, p. 63).

Com base em Santos pode-se ter como critérios para analisar a paisagem, certos aspectos que permitem considerar aquilo que se entende por espaço e o que cabe à Geografia. O que interessa é perceber que uma análise geográfica ao ter como parâmetros o olhar espacial e a promoção de raciocínios espaciais, leva as pessoas a construir as ferramentas intelectuais para entender a espacialidade em que vivem. A complexidade do mundo, a seletividade espacial são resultados das formas como vivem e agem as pessoas e o conjunto da sociedade. Mas estas questões não podem ser analisadas de modo neutro, e nem apenas exclusivamente na perspectiva global, pois que os fenômenos acontecem em lugares específicos com espaços demarcados e datados no tempo.

Como entendemos a literatura

Compreender o conceito de Literatura é essencial para entendê-la enquanto texto literário e a partir daí reassignificá-la enquanto prática educativa. O texto literário nos permite um contato íntimo com a imaginação e esta é responsável pela maioria daquilo que criamos. Marques (2006) não hesita em afirmar que a ciência e o imaginário andam juntas. O autor ainda menciona que esse caso é tão íntimo a ponto de virar uma história de amor. Como deixaremos nós de nos deter em pensar algo tão próximo e tão necessário que é o imaginário seja enquanto alunos, professores, sujeitos. Na linha desse pensamento e instigados em propor algo que contemple algumas de nossas idéias a respeito da Literatura e da geografia é que propomos trabalhar com o espaço na Literatura. Contudo, não sem antes passarmos pelo crivo de alguns autores.



Ao conceberem-se a literatura e as obras de arte em geral como auto experiências da subjetividade torna-se incontestável a ligação delas com o imaginário social que provoca, sob criadoras mudanças, a reiteração delas e a capacidade de serem lidas na perspectiva do tempo-espaço histórico de cada leitor (MARQUES, 2006, p .56).

A Literatura é uma forma de conhecimento da realidade que se serve da ficção e tem como meio de expressão a linguagem artisticamente elaborada D'onofrio(1990). A Literatura dá forma concreta a sentimentos, dilemas criados pela imaginação, ou seja, o poder imagético tem papel fundamental, pois tornam reais os sonhos, as angústias. Ao efetivar-se em texto, a Literatura dá, portanto a imaginação a roupagem das palavras para interligar tempos e espaços, autores e leitores em um gesto de comunicação solidária.

Desta forma, podemos dizer que a personagem de ficção é muito mais verdadeira do que a pessoa real, pois esta é obrigada a ocultar sua verdadeira essência, seus desejos mais recônditos, e a colocar a máscara que o seu status social requer; aquela, por ser fruto da imaginação, pode abrir-se para nós em toda a sua autenticidade, não constrangida por preceitos morais. E assim sendo, torna-se muito mais fácil compreender o mundo, pois através da personagem estamos livres para ver e pensar. É como se estivéssemos livres das algemas sociais.

O texto Literário, portanto, além de fornecer um prazer estético (o fim lúdico), é a fonte mais fascinante de conhecimento do real. De acordo com D'onofrio (1990) daí a função social da Literatura que, a par da filosofia, psicologia, biologia e de outras ciências e artes, embora por caminhos diferentes, induz o homem a refletir sobre os problemas existenciais. É por isso que as atividades literárias, oral, escrita, primitiva evoluída, é consubstancial à sociedade humana, não existindo povo sem Literatura.

Outra visão de Literatura nos trás Compagnon (2001), sendo que para ele as definições de Literatura, conforme sua função parecem estáveis quer essa função seja individual ou social, privada ou pública. Segundo o autor, Aristóteles colocava o prazer de aprender na origem da arte poética; instruir ou agradar ou ainda instruir agradando. Estas são as duas finalidades que também Horácio reconhecera na poesia. Para o autor do ponto de vista da função, chega-se a uma contradição: a



Literatura pode estar de acordo ou não com a sociedade; pode acompanhar o movimento, mas também precedê-lo.

Para alguns a Literatura é um fenômeno estético. Não tem como objetivo doutrinar nem documentar, ela teria como finalidade despertar no leitor o prazer estético. Ainda que parta de fatos da vida real ela é dada como ficção. “os fatos que lhe deram as vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação”(Coutinho, 1976, p 9).

Outras concepções surgem entre elas Llosa (2004). Para este autor os romances mentem, no entanto, mentindo expressam uma curiosa verdade, que somente pode se expressar escondida, disfarçada do que não é. Os homens não estão contentes com seu destino, e quase todos – ricos ou pobres geniais ou medíocres, célebres ou obscuros, gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar trapaceiramente esse apetite surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignam a não ter. Fervilha em todo o romance um inconformismo, uma insatisfação.

Não se escrevem romances para contar a vida, senão para transformá-la, acrescentando-lhe algo... De uma maneira menos crua e explícita, e também menos consciente, todos os romances refazem a realidade – embelezando-a ou piorando-a... Quanto mais expressar uma necessidade geral, mais profunda a ficção será, e também quanto mais numerosa forem, ao longo do espaço e do tempo, os leitores que identifiquem, nesses contrabandos filtrados da vida, os demônios que os inquietam (LLOSA, 2004, p.17).

O autor afirma que todo bom romance diz a verdade, e todo mau mente. Porque dizer a verdade para um romance, segundo ele, significa fazer o leitor viver uma ilusão, e “mentir”, ser incapaz de conseguir esse engano. Conseguir prender o leitor na trama conduzindo a um mundo imaginário em que leitor/ ouvinte se sintam mais que espectadores não é tarefa fácil e é dessa capacidade que nos fala o autor. Somos donos de uma única vida, mas desejamos tantas outras e é na ficção que as encontramos. “sair de si mesmo, ser outro, ainda que ilusoriamente, é uma maneira de ser menos escravo e de experimentar os riscos da liberdade” (LLOSA 2004, p.23).



Ainda parafraseando Llosa, ler boa Literatura é se divertir, porém também aprender dessa maneira direta e intensa que é a da experiência vivida através das obras da ficção. Uma pessoa que não lê, ou que lê pouco, pode falar muito, porém dirá sempre poucas coisas porque dispõe de um repertório mínimo e deficiente de vocábulos para se expressar. Não é uma limitação somente verbal, é, ao mesmo tempo, uma limitação intelectual e de horizonte imaginário. A Literatura é vista aqui como caminho para o conhecimento, ou seja, um elemento formador.

De acordo com o que pensa Morin (2001) a respeito do ensino da Literatura e da poesia, elas não devem ser consideradas como secundárias e não essenciais. A Literatura é para os adolescentes uma escola de vida e um meio para se adquirir conhecimentos. As ciências sociais vêm categorias e não indivíduos sujeitos à emoções, paixões e desejos. A Literatura, ao contrário, como nos grandes romances aborda o meio social, o familiar, o histórico e o concreto das relações humanas com uma força extraordinária.

A Literatura nos fala sobre problemas fundamentais do homem; o amor, a morte, a doença, o ciúme, a ambição, o dinheiro. Temos que entender que todos esses elementos são necessários para entender que a vida não é aprendida somente nas ciências formais. E a literatura tem a vantagem de refletir sobre a complexidade do ser humano e sobre a quantidade incrível de seus sonhos. Podemos, então, compreender a complexidade humana através da Literatura. A poesia nos ensina a qualidade poética da vida, essa qualidade que nós sentimos diante de fatos da realidade. A vida é viver poeticamente na paixão, no entusiasmo. Para que isso aconteça, devemos fazer convergir todas as disciplinas conhecidas para a identidade e para a condição humana, ressaltando a noção de homo sapiens; o homem racional e fazedor de ferramentas, que é, ao mesmo tempo, louco e está entre o delírio e o equilíbrio.

Como trabalhar Literatura e Geografia conjuntamente

São muitas as discussões sobre o trabalho com a literatura em sala de aula. Chega-se em um consenso de que o professor esquece sua formação literária e não



a usa ou então não trabalha com freqüência, a não ser no ensino médio em que esta se torna obrigatória. Daí o que se presencia é uma grande dificuldade em inseri-la, e um grande repúdio por parte dos alunos. Desta forma, acreditamos que a Literatura precisa buscar aliados com intenções próximas a fim de possibilitar o ensino de Literatura. Como sabemos que a Geografia tem buscado a incorporação de outras formas de linguagens como a música, a Literatura, as charges, a internet é que acreditamos compreender, juntamente com alguns autores, como isso é possível.

Ampliar o uso de procedimentos de ensino que sejam propiciadores da manifestação dos sujeitos, de sua diversidade e do processo de significação de conteúdos, incluindo a música, a literatura, o cinema, a cartografia, o estudo do meio, os jogos de simulação (CAVALCANTI 2008, p. 32).

A partir da afirmação desta estrutura de ensino se percebe o interesse e necessidade de considerar a complexidade da vida e das formas de entendê-la. Seguindo essa linha de pensamento nos apoiamos em Monteiro (2002), que estabelece uma relação entre o lugar e o imaginário. Para ele a construção do lugar ou o conjunto de lugares que contém um romance levaria a consideração de que o espaço é 'meio' do sentido e também seu objeto. Desta forma, a concretude do lugar qualificado por um espaço geográfico seria uma necessidade que se realiza num "continuum" local mais ou menos definido em que a percepção do leitor tende a identificar uma realidade concreta, geográfica. Ao espaço exterior, contrapõe-se aquele outro, que vem do indivíduo,

ao mesmo tempo trajetória física e moral, externa e interior, real e simbólica, que pode conduzir tanto a noção do cheio quanto à do vazio. A noção de realidade geográfica juntar-se-ia aquela outra, antropológica do imaginário (MONTEIRO, 2002, p. 14).

A noção de lugar, embora sendo obra de imaginação e criação literária, contém uma verdade que pode estar além daquela advinda da observação acurada, do registro sistemático dos fatos. Esta capacidade paradoxal encontrável na Literatura, ou a ela conferida pelo geógrafo, brota de um reconhecimento de que a verdade do mundo seria transcendente dada por geógrafos, historiadores e sociólogos. Não se trataria de substituir a análise científica pela artística, mas



permitir novas maneiras de interpretação, além de reconhecê-la como enriquecimento.

Para Moreira (2007), o viver humano é a unidade do simbólico e do real, unidade de um mundo impregnado de imagens e sua pletora de significados. Interpretando o mundo simbólico, a Literatura apenas se aproveita do que a ciência menospreza, na insuspeição com que esta despreza precisamente o fato de que a história é uma construção do sujeito homem. Fonte privilegiada da linguagem tanto real da ciência quanto simbólica da arte, o espaço é o tema que pode, numa leitura não positivista do mundo, unificar a ciência e a arte numa mesma perspectiva de olhar, eliminando a dualidade objetivo-subjetivo da compreensão do homem que elas encerram. Até porque quando falamos da realidade da vida dos homens utilizando-nos do rico universo linguístico do espaço, movemo-nos num arsenal semiótico de horizontes e pluralidade infinitos.

Moreira (2007) nos remete a mundo de possibilidades em que a literatura e o espaço são os personagens principais. Em seu texto o autor trabalha com alguns clássicos. Com a expressão “dar vida geográfica à literatura do romance” (MOREIRA, 2007, p. 81) o autor nos mostra como é possível estabelecer tal relação embasada pela categoria do espaço. Para entendermos uma obra a contextualizamos no tempo, contudo, habitualmente o espaço fica abstraído desta contextualização. Esquecemo-nos que tempo e espaço andam juntos e que, portanto, é impossível separar a Literatura e espaço.

Ainda pensando no estudo do lugar, Callai (2009) nos desafia a pensar a partir de um texto retirado da obra de Lewis Carrol – Aventuras de Alice. A partir de questões que nos levam a refletir sobre o lugar é possível que se vislumbre o espaço, pois o estudo de uma nação ou de uma cidade supõe que se conheça o lugar no conjunto do espaço. É importante contextualizar e entender o porquê das coisas aparecerem como se apresentam. O resultado desse trabalho pode render atividades voltadas para geografia como, por exemplo, uma escrita cartográfica do texto como também uma análise literária do texto valorizando a representação e o que ela implica.



É sempre conveniente reafirmar que os conteúdos em si são mais do que simples informações a serem aprendidas, eles devem significar a possibilidade de se aprender a pensar (CALLAI, 2009, p. 89).

Candido ratifica a contribuição das ciências sociais ao estudo literário.

Do século passado aos nossos dias, este gênero de estudos tem permanecido insatisfatório, ou ao menos incompleto, devido à falta de um sistema coerente de referência, isto é, um conjunto de formulações e conceitos que permitam limitar objetivamente o campo de análise e escapar, tanto quanto possível, ao arbítrio dos pontos de vista. Não espanta, pois, que a aplicação das ciências sociais ao estudo da arte tenha tido conseqüências freqüentemente duvidosas, propiciando relações difíceis no terreno do método. Com efeito, sociólogos, psicólogos e outros manifestam às vezes intuítos imperialistas, tendo havido momentos em que julgaram poder explicar apenas com os recursos das suas disciplinas a totalidade do fenômeno artístico. Assim, problemas que desafiavam gerações de filósofos e críticos pareceram de repente facilmente solúveis, graças a um simplismo que não raro levou ao descrédito as orientações sociológicas e psicológicas, como instrumentos de interpretação do fato literário (CANDIDO, 1967, p.27).

O escritor tem a capacidade de transformar combinando a realidade com a percepção. Desta forma, tanto o meio social influencia a obra de arte como também a arte influencia o meio. Embora tenhamos frisado de que a literatura é dada como ficção também defendemos que ela expressa a sociedade com seu aspecto social e seus problemas. Desta forma, poderíamos dizer que a arte é social tanto como expressiva quanto receptiva.

Depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CANDIDO, 1967, p. 30).

A partir de alguns conceitos que trouxemos da Literatura e da Geografia e baseado em alguns autores acreditamos ser possível trabalhar a literatura e a geografia conjuntamente. Esta não é uma discussão exaustiva, mas um começo em que se pode agregar outros tantos estudiosos que estão tratando da questão. No trabalho com a Literatura a Geografia vem contribuir, pois as descrições das paisagens e lugares ajudam na compreensão do texto, uma vez que é um dos elementos essenciais para dar sentido a narrativa. Por isso é comum trabalhar com espaço em Literatura. Já em geografia os textos literários podem ser usados para



auxiliar o estudo da geografia. Para isso o professor precisa definir os objetivos da leitura e escolher as publicações que melhor se adaptem aos conteúdos a serem ensinados. Os pontos que serão focados devem estar claros. Após a escolha do livro pode-se, por exemplo, usar a obra para finalizar o estudo de um assunto e ilustrar os conteúdos que a turma aprendeu nas aulas anteriores ou apresentá-la aos alunos para dar início à discussão de um tema que será aprofundado.

Considerações finais

Buscamos através deste texto discutir sobre a Literatura e a Geografia como possibilidade de serem trabalhadas juntas. Abordamos para isso alguns conceitos de Geografia, bem como de Literatura e nos apoiamos em alguns autores para defender este trabalho interdisciplinar. A literatura auxilia os geógrafos uma vez que apresenta um cenário repleto de descrições sobre o lugar que podem ser explorados pela Geografia. Por outro lado, um texto escrito substitui os elementos cênicos pela descrição. Através dela o leitor visualiza, através da imaginação, os acontecimentos narrados tanto dos aspectos físicos e psicológicos das personagens como do espaço em que estão inseridas permitindo uma maior compreensão da narrativa, o que nos leva a perceber que a contribuição de uma para com a outra possibilita a realização de um trabalho em conjunto em sala de aula que venha ao encontro do interesse de ambas.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio, **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1967.

CALLAI, Copetti Helena. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos & outros (org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009, 7 ed. Cap 2. p 83- 134.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: Ensaio sobre o



ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais.** São Paulo: Ática, 1990.

LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras.** São Paulo: Arx, 2004.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso:** o princípio da pesquisa. 5ª ed. rev. - Ijuí: Ed. Unijui, 2006.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço - uma nova política da espacialidade.** Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama:** ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar Assis Carvalho. – 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal.** São Paulo- Rio de Janeiro, Hucitec. 1988.